

A REVOLUÇÃO

Texto e Ilustração dos Alunos do 2.º Ciclo do Agrupamento de Escolas de Gavião



Fábrica de histórias



© 2024, Cabeçudos – Fábrica de Histórias

Título: A Revolução

Texto: Alunos do 5.º e 6.º anos do AE de Gavião

Ilustração: Alunos do 5.º e 6.º anos do AE de Gavião

1.ª edição: junho de 2024

ISBN: 978-989-35141-8-4

Depósito Legal: 533857/24

Impressão: Veia - Flowing Brands

CABEÇUDOS

Rua de S. José, 3

7320-438 Castelo de Vide, Portugal

Tel: (+351) 245 919 140

info@cabecudos.com

www.cabecudos.com

www.fabricadehistorias.pt

Equipa AVOAR (mediação)

Escrever: Inês Ruivo

Rever: Raquel Salgueiro

Ilustrar: Susana Bicho

Paginar: Carlota Flieg

Comunicar: Cristina Lorangeiro

Coordenação: Rui Andrade

Projeto educativo do ano letivo 2023/24



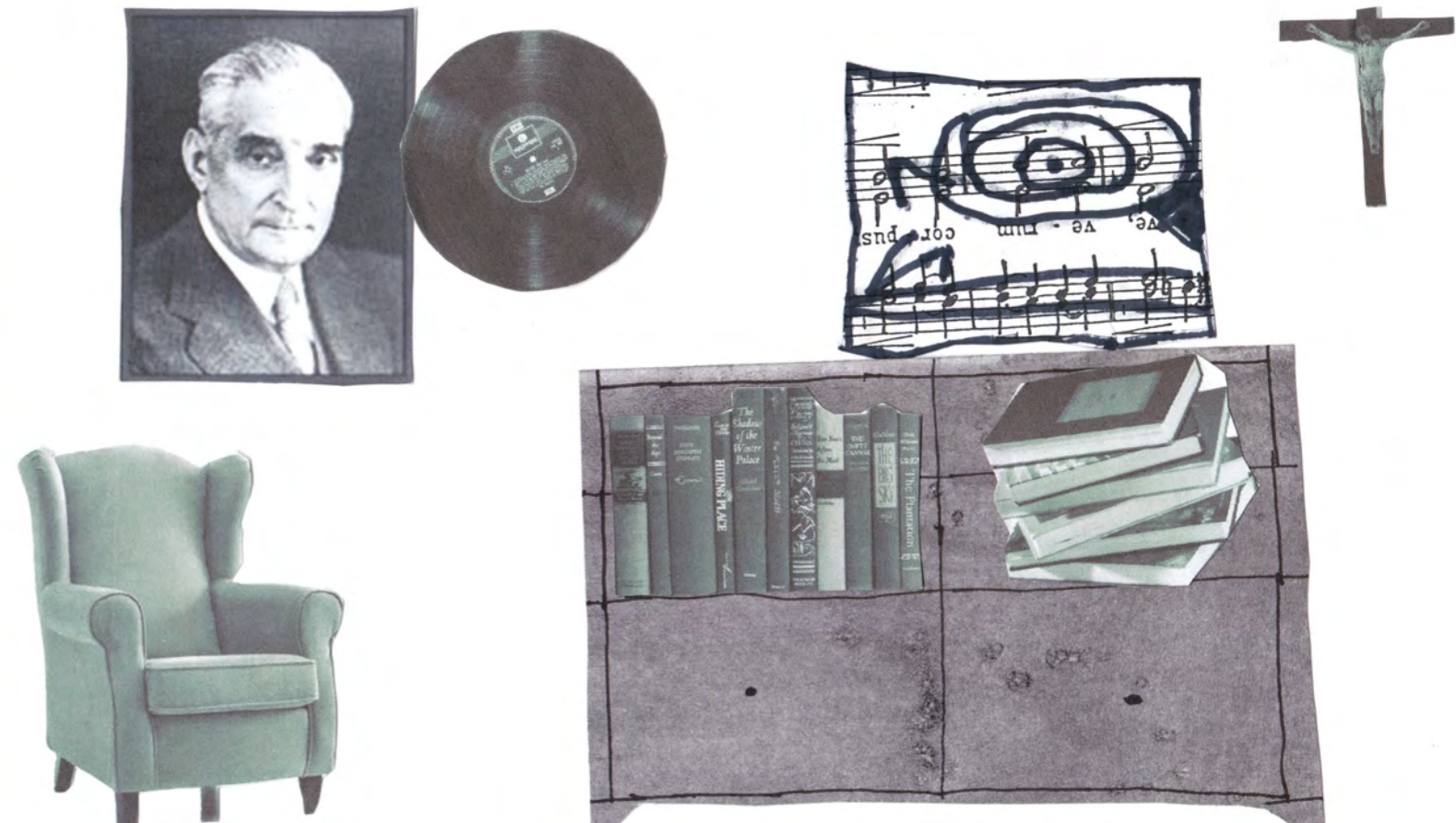


ANTES DA REVOLUÇÃO

Em um dia de Verão, o meu tio Manuel, irmão da minha mãe, veio visitar-nos. Estávamos muito felizes porque o nosso tio contava-nos histórias muito interessantes. Também nos trazia sempre livros e discos proibidos, que escondíamos para o nosso pai não descobrir.

A mãe chamou-nos para irmos almoçar. Preparou bacalhau cozido com batatas porque era o prato preferido do tio. O pai não estava. A mãe cozinhava bem e, com a ajuda da nossa empregada, tratava bem da casa. — É a obrigação das mulheres — diziam-nos na escola e em casa.

Os nossos avós maternos e paternos puderam pagar os estudos da minha mãe e do meu pai. Tal como os meus pais, a minha irmã e eu também continuámos a estudar. Infelizmente, muitos rapazes e raparigas da minha idade já estavam a trabalhar.



Quando nos sentámos à mesa, o tio disse:

— Em África continua a Guerra Colonial. Cada vez há mais mortes e a situação está muito complicada.

— E os primos vão para a guerra? — perguntei eu.

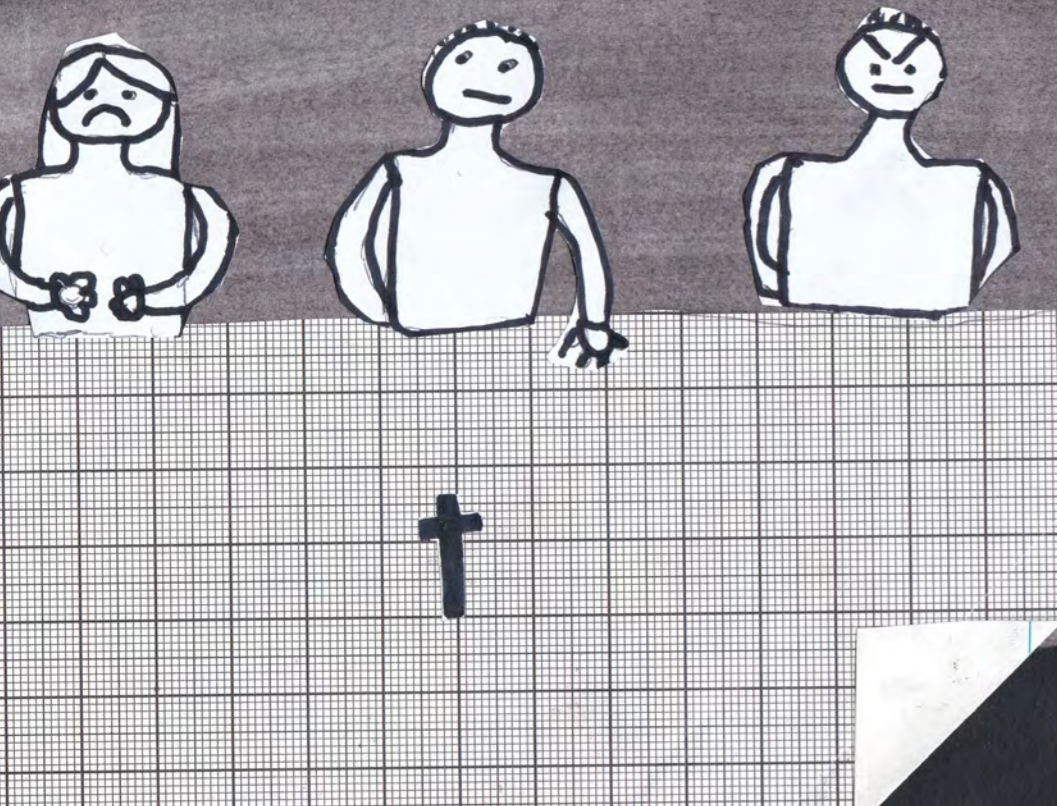
— Iriam daqui a dois meses. Mas vou ajudá-los a fugir para França. Fica um segredo nosso — pediu-nos o tio.

— Mas isso é errado! — exclamou a mãe — É obrigação de todos defender o nosso Império.

— Maria, aqueles países têm direito à independência. Então, quando o Gregório tiver 18 anos, também ele tem de ir para a guerra! — acrescentou o meu tio.

Olhei para a minha mãe e notei a cara de preocupação.

Sentiu-se um silêncio desagradável até ao final da refeição.



Dias depois, ouvimos o nosso vizinho aos gritos:

— Quero ter liberdade para ver, ouvir e falar sobre o que quiser!

Pouco tempo depois apareceram dois homens e levaram o nosso vizinho. Não sabíamos para onde.

No dia seguinte, ouvi a mãe a contar ao pai o que tinha acontecido ao meu vizinho.

— Amor, o vizinho já está a ser interrogado pela PIDE.

Ai, meu Deus!

— Mana, mana, vem cá! O vizinho está a ser torturado pela PIDE e até pode ser morto!

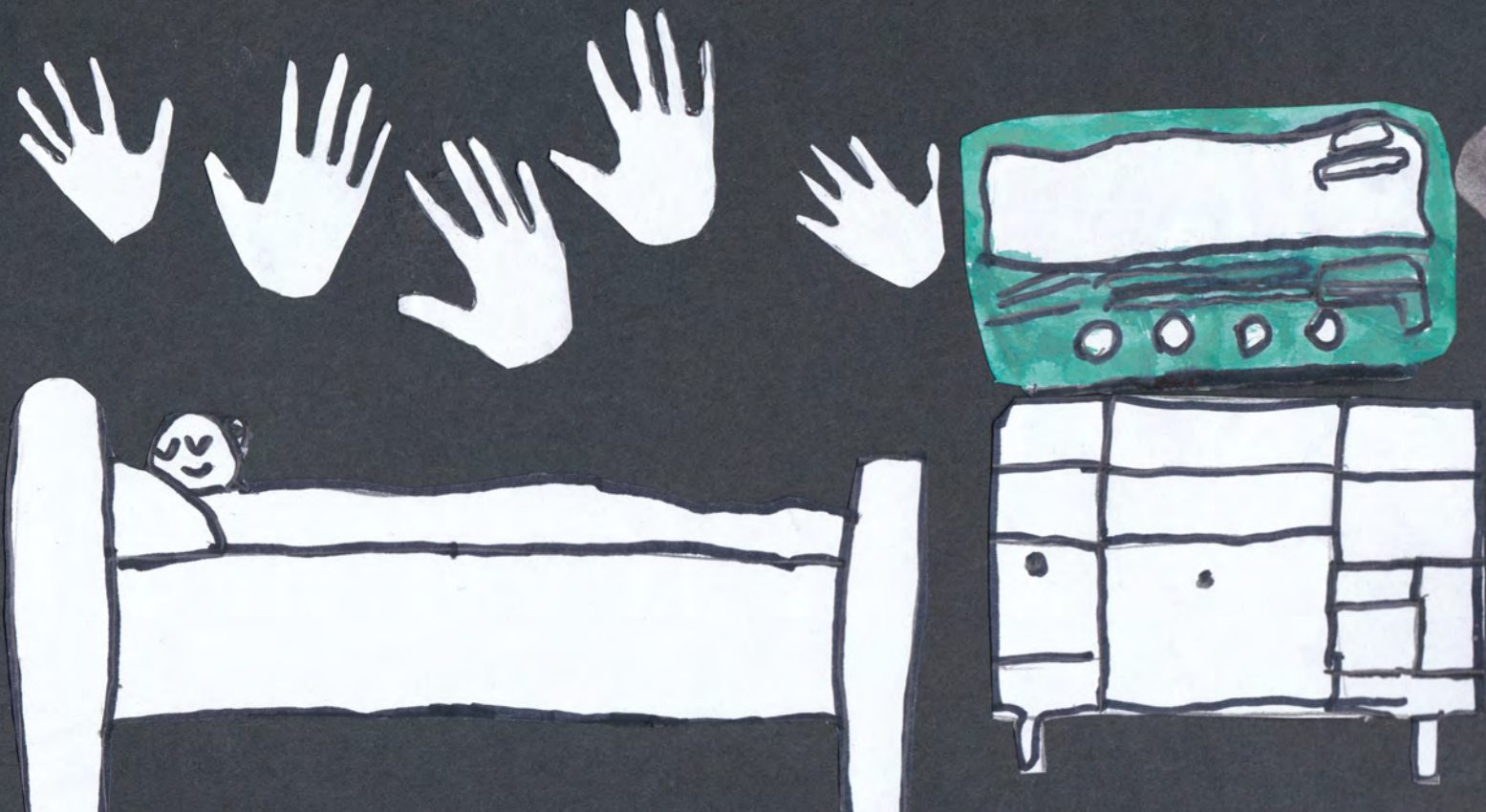


DURANTE A REVOLUÇÃO

Na noite de 24 de abril, às 22h55m, já estava eu a dormir, tocou a primeira senha “E depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho. Pouco depois, às 00h20m tocou a segunda senha, “Grândola Vila Morena”, de José Afonso. Não ouvi, mas sei porque a minha mãe contou-me mais tarde.

Acordei com barulho e fui espreitar à janela. Vi tanques de guerra, militares e muita gente nas ruas. Apesar do Movimento das Forças Armadas ter comunicado às pessoas que permanecessem em casa, ninguém respeitou essa ordem porque era a revolução que esperavam há muito tempo.

Em seguida fui chamar a minha irmã para lhe dizer o que estava a acontecer, mas também ela estava a espreitar pela janela do seu quarto. Da janela, vimos um militar muito confiante e reparei que era ele quem estava a comandar. Ouvi um militar gritar:

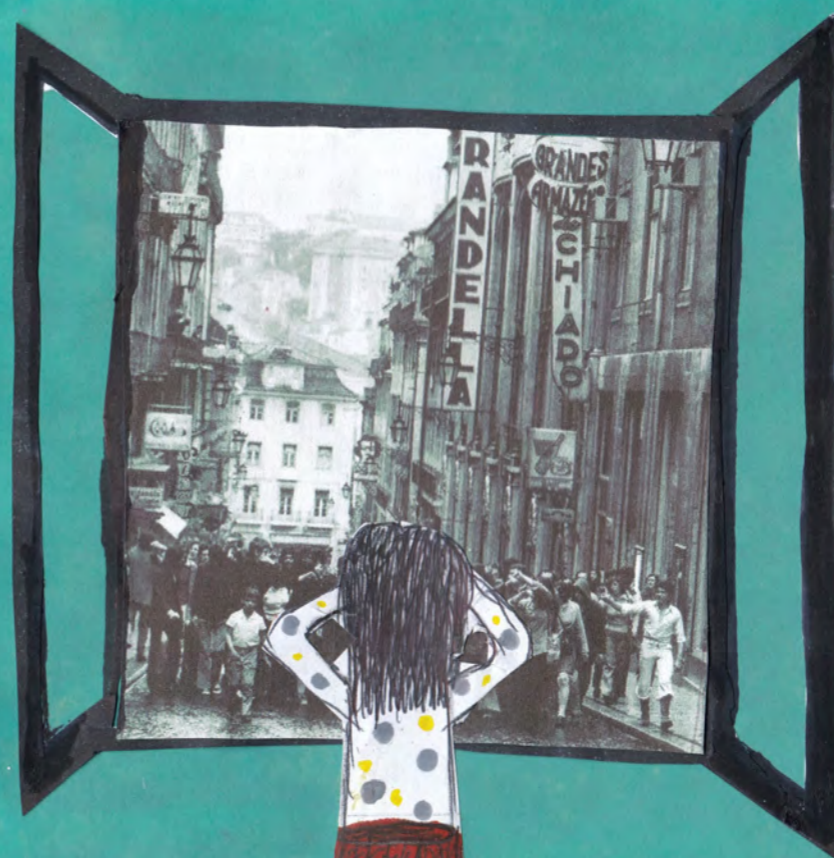


— SALGUEIRO MAIA,
MEU CAPITÃO, NÃO
DESISTIMOS!!!

Quando a minha mãe nos chamou para tomar o pequeno-almoço, percebi que o meu pai estava muito preocupado, pois ele era apoiante do regime. Quando terminámos de comer, fomos novamente espreitar à janela, enquanto ouvíamos as notícias pelo rádio.

Cheios de curiosidade, passámos o dia todo à janela.

Ao anoitecer a minha mãe contou-nos o que se tinha passado durante o dia. Disse-nos que tinha acontecido uma revolução contra o regime. Ao que parece, as pessoas estavam descontentes com o regime político, por não terem liberdade de expressão e também não estavam contentes com a guerra colonial. O Estado Novo caiu, Marcello Caetano abdicou e entregou o poder a António de Spínola. Acabou a Ditadura e começou a Democracia.



Lá fora, as pessoas estavam eufóricas e gritavam de alegria porque conseguiram resgatar a liberdade que lhes tinha sido roubada. Mas, em casa, o ambiente estava tenso, pois o nosso pai estava preocupado. Dali para a frente já não teria os privilégios que teve durante o Estado Novo.

No dia seguinte, ouvi na rádio que os presos políticos tinham sido libertados e os exilados puderam regressar a Portugal.



PRISÃO



DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Após o 25 de Abril, estávamos confusos com tudo o que acontecia. Pensávamos que no futuro seria tudo mais tranquilo. No entanto, não foi assim que aconteceu. Havia muita instabilidade no país. Antes do 25 de Abril todos tinham o mesmo objetivo que era acabar com a Ditadura e instaurar a Democracia em Portugal. Depois da Democracia ser instaurada, os partidos começaram a ter ideias contrárias, o que causou muita tensão.

No dia 1 de novembro, fomos visitar o tio Manuel a Coruche. Quando chegámos a casa do tio, reparámos que em cima da mesa estava um lanche delicioso. A minha irmã, a nossa mãe, o nosso tio e eu sentámo-nos à mesa.

— Tio, pode-nos contar uma história? — perguntou a minha irmã.

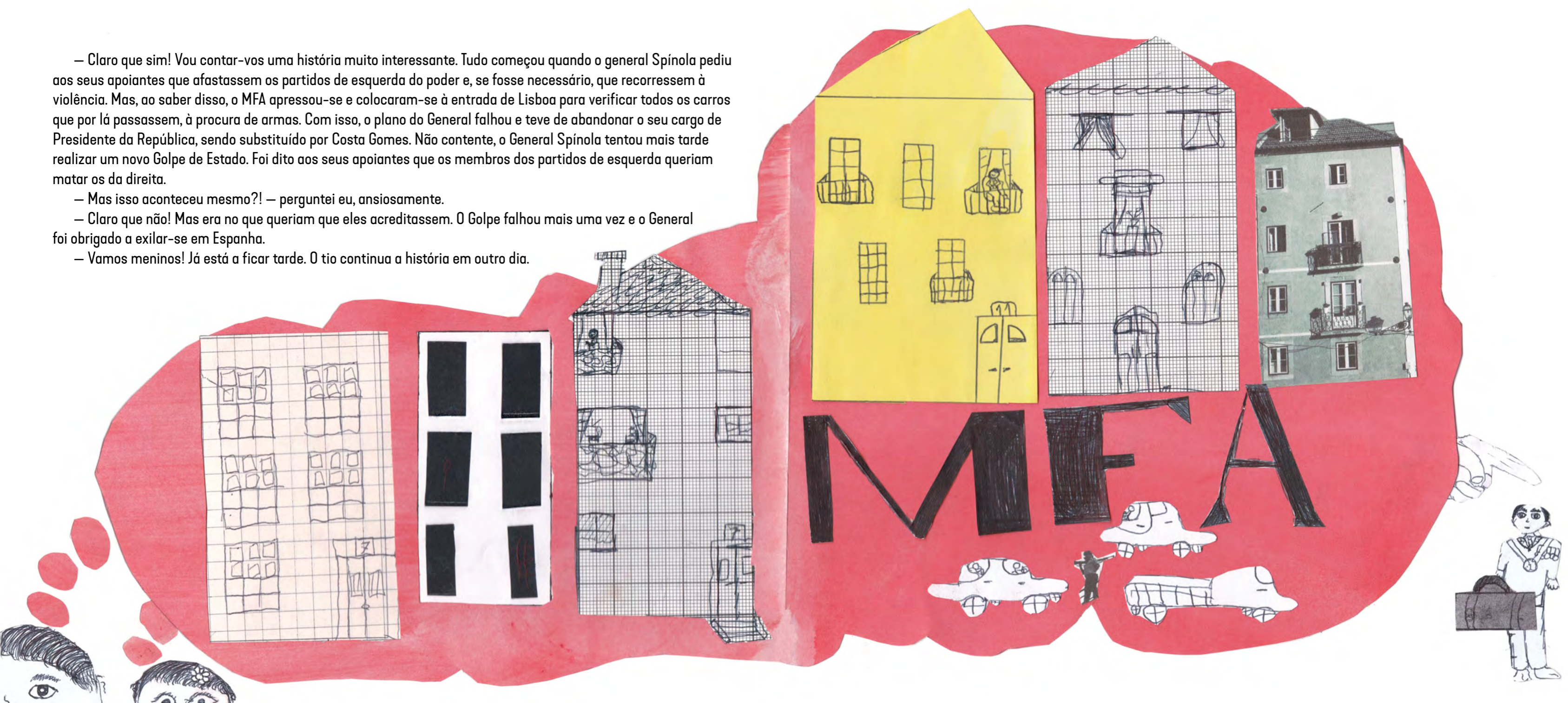


— Claro que sim! Vou contar-vos uma história muito interessante. Tudo começou quando o general Spínola pediu aos seus apoiantes que afastassem os partidos de esquerda do poder e, se fosse necessário, que recorressem à violência. Mas, ao saber disso, o MFA apressou-se e colocaram-se à entrada de Lisboa para verificar todos os carros que por lá passassem, à procura de armas. Com isso, o plano do General falhou e teve de abandonar o seu cargo de Presidente da República, sendo substituído por Costa Gomes. Não contente, o General Spínola tentou mais tarde realizar um novo Golpe de Estado. Foi dito aos seus apoiantes que os membros dos partidos de esquerda queriam matar os da direita.

— Mas isso aconteceu mesmo?! — perguntei eu, ansiosamente.

— Claro que não! Mas era no que queriam que eles acreditassem. O Golpe falhou mais uma vez e o General foi obrigado a exilar-se em Espanha.

— Vamos meninos! Já está a ficar tarde. O tio continua a história em outro dia.



Passado um mês, chegou o tão esperado dia das eleições. Os meus pais sempre tiveram oportunidade de votar, ao contrário da nossa empregada.

— Como correu a sua primeira vez a votar, Dona Maria Augusta? — perguntei curioso.

— Foi uma sensação única, estou muito aliviada! Fiquei fascinada ao ver tanta gente! Era tudo tão confuso! Havia muitos partidos para votar e cada um com ideias diferentes. Inicialmente não sabia em que partido votar, mas no final acho que tomei a decisão certa.



Depois das eleições os problemas entre os partidos continuaram e nada ficou resolvido. Era tanta instabilidade que por pouco iam criando uma guerra civil. As ideias deles ainda não se encaixavam e continuavam sem se entender.

50 ANOS DEPOIS

Passados 50 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974, continuamos a viver num país livre e democrático. A minha irmã e eu comemoramos sempre o 25 de Abril fazendo um piquenique. E aproveitamos para homenagear o nosso tio Manuel. O tio sempre nos ensinou a defender os nossos direitos, a nossa liberdade e a lutar por um ensino melhor e um país melhor.

Hoje podemos estar aqui sentados a beber Coca-Cola e a falar sobre o Governo. Enquanto conversamos, os nossos netos estão a jogar à bola livremente. Os nossos filhos já puderam escolher a sua profissão, sem limitações.

— E tu, queres ir para a tropa? — perguntei ao meu neto.

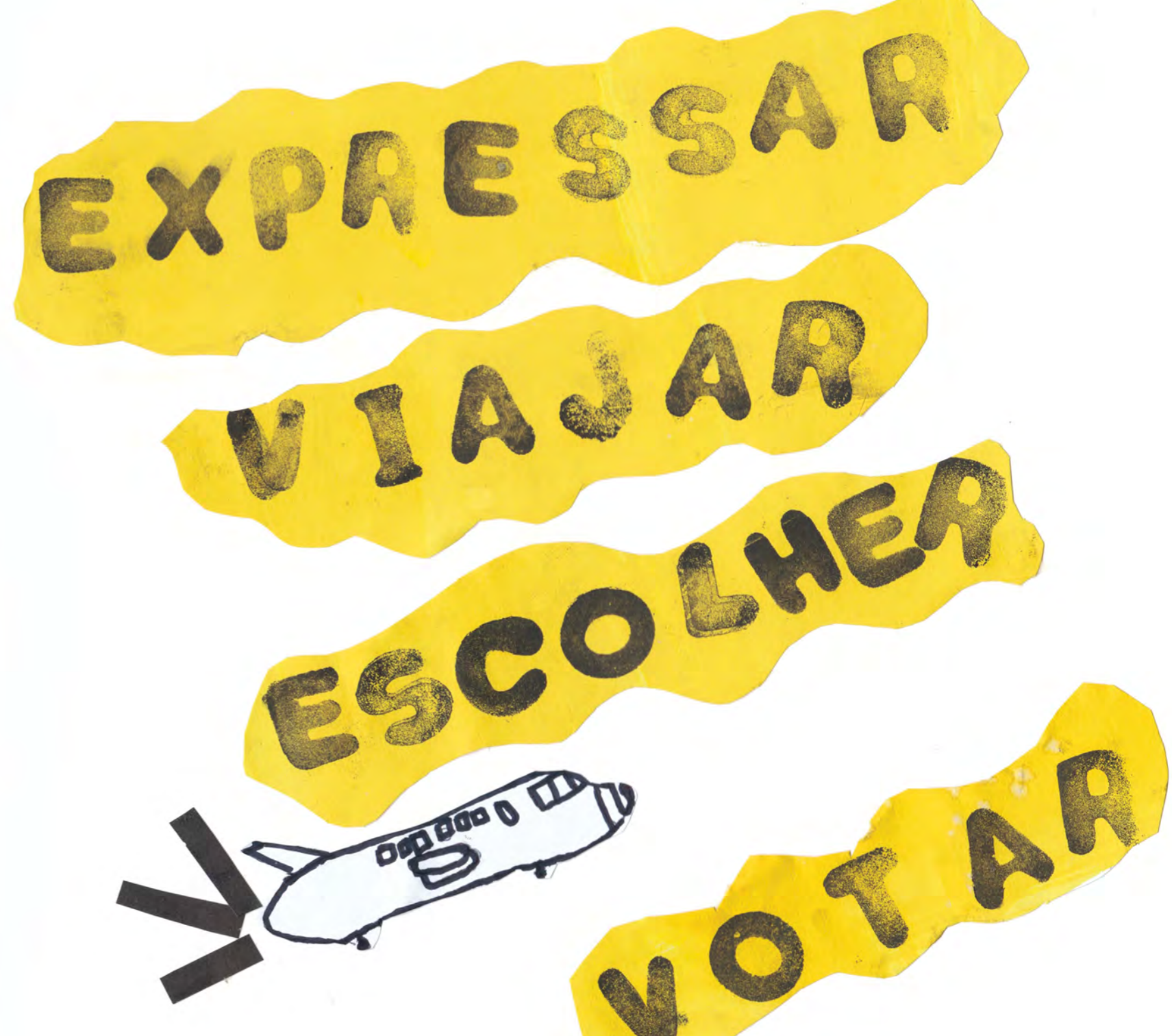
— Não. Eu quero ser taxista porque gosto de conduzir.

O meu neto já não precisa ir para a tropa porque já não é obrigatório.



Naquela época, os meninos mais ricos continuavam os estudos e os mais pobres trabalhavam. Antigamente, os meninos e as meninas estavam separados na escola e as matérias eram diferentes. Hoje, temos tecnologia mais avançada nas escolas e também podemos dar ideias, participar e dar a nossa opinião. Atualmente, apesar destes benefícios todos, temos ainda jovens a abandonar a escola.

A minha irmã vai viajar amanhã para a Grécia, em trabalho, sem o seu marido Rogério. A Maria Antónia é enfermeira e vai fazer voluntariado. Antigamente, as enfermeiras não se podiam casar, mas agora, felizmente, já se podem casar e são livres de sair do país sem ter de pedir autorização a ninguém.



Era bom que elas tivessem também o mesmo salário que nós. Lembro-me que a minha sobrinha me disse na semana passada que foi a uma entrevista para um emprego e perguntaram-lhe se ela pretendia ter filhos. Ela quis saber porquê e disseram-lhe que era difícil contratá-la se assim fosse. Ficou muito indignada e foi reclamar. Hoje já podemos reclamar!

PORQUÊ?!

PO QUÊ?!

COMO!!?



Também ainda existe alguma discriminação. O marido da minha sobrinha é angolano e mesmo assim, ainda há pessoas que os olham de lado quando passeiam de mãos dadas pela rua. Felizmente já há poucas pessoas a pensar assim! Eu sou quase idoso e já pouco posso fazer, mas os jovens de hoje podem mudar o futuro e manter a luta pelos seus direitos.



Gosto muito destes piqueniques para relembrarmos o passado,
as conquistas alcançadas e sonharmos com um país ainda melhor!

PARTICIPANTES

5.º Ano - Turma A

Adam Ibourg Santos • Carolina Barrente Vicente • Luís Filipe de Jesus Santos • Luís Manuel Jesus Rosa
Matias António Firmino • Matilde dos Santos Oliveira Guerra • Nair Isabel Inocência Reis
Tomás dos Santos Oliveira Guerra • Tomás Filipe Catarino Madeira • Tomás Jorge Catarino Repolho
Vasco Manuel Carranca Farrolas Chambel

5.º Ano - Turma B

Constança Carrilho Delgado • Guilherme Raimundo Canatário • João Dinis Matos Mesquita • João Francisco Gonçalves
Lourenço Alexandre Neves Catana • Luca Pereira Galhofas • Marco Filipe Rodrigues Grilo • Matias Manuel Lopes Rosa
Matilde Pinto Chambel • Rafael Mouro de Almeida Hilário de Matos • Tomás André Gaspar Calado

6.º Ano - Turma A

André dos Santos Lopes • Beatriz Isabel Nunes Catarino • Camila Grilo Chambel • Fernando Miguel da Silva Mendes
Isabela Rosário Martins Roque • Leonor Genebra Cesário • Maria Gabriela dos Santos Baltazar • Maria Inês Bento Miguel
Mariana Guedelha Mendes Marques • Mateus Infante Martins • Matilde Isabel Gonçalves Prioste • Naíde Gaspar Flores
Nicolas Perinoto Laurentino • Sandro Rafael Carvalho Gaspar • Tiago Maurício Fernandes • Vitória Fernandes Batista

6.º Ano - Turma B

Anselmo Miguel Martins dos Santos • Dinis Micael Policarpo Crespo • Duarte Miguel Gonçalves Valério
Eva Maria da Rosa Rodrigues • Joana Raquel Matos Dias • José Manuel Carranca Farrolas Chambel
Lara Sofia Rosa Camões • Laura Filipa Delgado Marques • Lucas Alexandre Marques de Araújo
Luísa Bianca Rodrigues Mendes • Margarida Alexandra Pinto Vieira • Margarida Marques Delgado
Olavo José Gonçalves Grilo Fernandes • Vicente Alexandre Henriques



Este livro mostra-nos o impacto que a Revolução de 25 de Abril de 1974 teve em uma família como muitas outras do nosso país. Em quatro partes, descobre esta história por trás da história e acompanha o antes, o durante, o depois e 50 anos depois da Revolução de Abril. Com personagens bem caracterizadas e cenários bem definidos, percorremos em poucas páginas quase 100 anos da História de Portugal.

A **Fábrica de Histórias**[®] é um produto de promoção de leitura, da escrita e das artes, que se desenvolve junto de instituições de ensino, integrado no espaço curricular, e que consiste na implementação de um programa para elaboração de um livro e de um filme de animação da autoria dos alunos. Com várias linhas de montagem, trabalhando em equipa e a várias mãos, os alunos são desafiados a escrever, rever, ilustrar, filmar, sonorizar, musicar, narrar e dramatizar. Coadjuvados por professores e mediadores de diferentes áreas técnicas e artísticas, crianças e jovens são chamados a criar, num processo que tem como objetivos maiores surpreender, mobilizar, inspirar, aproximar e estimular competências, num diálogo afetivo, cooperante e construtivo.

A **Fábrica de Histórias**[®] foi distinguida com o Prémio **Ler+ 2021**, atribuído pelo Plano Nacional de Leitura 20|27, que visa reconhecer o trabalho realizado em prol da melhoria dos índices de leitura dos portugueses e da promoção do gosto pela leitura e pela escrita. A **Fábrica de Histórias**[®] é portadora do selo **Ler+**.



ISBN 978-989-35141-8-4



9 789893 514184

Uma Parceria



Apoio Institucional



Co-financiamento



Apoio

